

Ulysses boicotará a reunião dos "históricos"

Presidente do PMDB chega dizendo que grupo é só mais um dos que surgem com a Constituinte

ROSANGELA CAPOZOLI
Da Sucursal

São Paulo (sucursal) — O presidente do PMDB e da Constituinte deputado Ulysses Guimarães, não deverá comparecer à reunião convocada pelos "históricos" do partido para o próximo dia 9, em Brasília. Ao desembarcar ontem pela manhã no aeroporto de Cumbica, vindo de Nova York, onde passou as festas de fim de ano, Ulysses fugiu a uma resposta direta, afirmando que não tem "participação de reunião de nenhum grupo que tenha se formado ao sabor dos assuntos e das circunstâncias de maneira que não tenha nenhuma decisão a respeito."

Os históricos "do PMDB são mais um desses grupos que surgem e se desfazem ao sabor do que é discutido na Constituinte", afirmou. Ulysses Guimarães comentou que é muito cedo para o PMDB convocar uma convenção extraordinária — como querem os "históricos" — e que só depois de assinada a nova Constituição é que o partido "terá condição" de se reunir extraordinariamente. Da mesma forma, o presidente da Constituinte preferiu não responder a perguntas sobre sua candidatura e a possíveis candidaturas do partido. "Ainda não sabemos se será parlamentarismo ou presidencialismo, nem mesmo se o mandato será de quatro ou cinco anos. É muito difícil definir um candidato dentro dessa indefinição", afirmou. Quanto à sua candidatura, disse que é assunto para "resolver no futuro". E não porque não seja "bom de voto", como o acusou o ex-governador Franco Montoro.

"Desde meus tempos de estudante, no XI de agosto, venci todas as eleições. E agora fui eleito presidente da Constituinte, que representa quase 60 milhões de votos", retrucou. Independente de candidato, Ulysses Guimarães acha que o PMDB fará o próximo Presidente da República, ao contrário de

ROSANGELA CAPOZOLI
Da Sucursal

muitos críticos que consideram o partido atualmente sem identidade e estrutura. "O PMDB é o partido melhor estruturado em todo o País. Não acredito que ele perca daqui para a frente", afirmou, lembrando o trabalho dos governadores, sobretudo de Orestes Quércia.

Ulysses, acredita que a nova Constituição ficará pronta no final de fevereiro e mostrou-se cético diante da proposta de convocação de uma convenção extraordinária do PMDB antes desse prazo, como pretendem alguns parlamentares chamados "históricos".

"Antes disso, é preciso que se defina o mandato do Presidente da República. Não se sabe se novas candidaturas serão lançadas neste ano, no próximo ou mesmo, em 1990. Além disso, é preciso que se defina o sistema de governo", acrescentou.

DÍVIDA EXTERNA

Na sua viagem a Nova York, o deputado Ulysses Guimarães encontrou-se como o vice-presidente para a América Latina do *Morgan Guaranty Trust Company*, Gonzalo de Las Veras. O Morgan e o Banco contratado pelo governo mexicano para intermediar na conversão da dívida externa daquele país com resultados que vêm sendo considerados acima das expectativas. Na conversa com Ulysses, de Las Veras teria acenado com a possibilidade de uma redução de 30 a 25 por cento no total da dívida do Terceiro Mundo, estimada em um trilhão de dólares. "Não é uma solução, mas é uma vantagem", comentou o presidente da Constituinte. "Estou trazendo os detalhes desse plano para discutir com os economistas do PMDB". Ulysses Guimarães disse ter discutido com o diretor do Morgan o fato de a dívida externa brasileira não poder ser paga, pois afirmou: "existe uma diferença entre a dívida nominal e o valor real dessa dívida no mercado".

No encontro, só elogios

Antes do encontro com o governador no início da noite, no Palácio dos Bandeirantes, Ulysses Guimarães por duas vezes elogiou a atuação de Orestes Quércia. "Me agrada muito as declarações que o governador Quércia está fazendo, inclusive desejando atuar não só junto aos constituintes paulistas, mas também aos demais governadores para que possamos abreviar a Constituinte", disse. Em outra ocasião, o deputado afirmou que o trabalho de Quércia merece credibilidade.

Antes de sair do Brasil, o deputado disse ter expedido quatro circulares aos constituintes para que compareçam e fiquem em Brasília para a

votação da Constituição. Outra providência tomada por ele foi pedir ao terceiro secretário da Câmara que entrasse em contato com as empresas de transporte aéreo para que os constituintes chegassem a Brasília hoje na data marcada.

— Se não for possível votar o regimento interno (hoje) e amanhã votaremos depois de amanhã para que corram os prazos a fim de que a matéria vá ao Plenário para a votação — disse, Ulysses, confiante em que até o fim de fevereiro teremos a nova Constituição brasileira votada. Segundo o deputado, 80 por cento do que está definido na Comissão de Sistematização, não vai absorver tanto tempo".

Frente vai combater mudanças do Centrão

A volta da Assembleia Nacional Constituinte ao seu ritmo normal de trabalho já está mobilizando os trabalhadores de todo o País para a garantia das conquistas conquistadas na Comissão de Sistematização. Diversas entidades sindicais estão se articulando em uma frente ampla para manter no texto da Constituição questões como a jornada semanal de 40 horas, a estabilidade no emprego e o direito à sindicalização e à greve por parte dos servidores públicos.

Uma ação conjunta está sendo tomada a princípio pela Frente de Entidades Democráticas Populares em Defesa do Povo na Constituinte. Após uma primeira plenária realizada há um mês no auditório Petrólio Portella, no Congresso Nacional, decidiu-se pela mobilização a nível estadual e quase todas as unidades da federação realizaram esta semana reuniões para avaliar os primeiros dias da Constituinte e traçar sua estratégia de ação.

A atuação desta frente, além da mobilização a nível setorial, partiu a nível nacional de um Dia Nacional de Mobilização, pouco antes do Natal. As diversas entidades sindicais, centrais sindicais e partidos políticos distribuíram panfletos divulgando as conquistas obtidas na Comissão de Sistematização e apontando, em cada Estado, os parlamentares que compõem o Centrão — "aqueles que estão contra os trabalhadores" — segundo um líder sindical.

Além de denunciar os partidários do Centrão, a Frente de Entidades Democráticas Populares em Defesa do Povo na Constituinte quer também reafirmar as emendas populares que foram enviadas ao Congresso Nacional e o trabalho já começou no último dia 17, o dia da mobilização. O próximo passo, a

partir desta primeira semana de trabalho dos constituintes, será marcar uma reunião a nível nacional. As pressões do Centrão para derrubar algumas das conquistas feitas pelos trabalhadores na Comissão de Sistematização podem antecipar um confronto político. Esta é a previsão de Sérgio Barroso, um dos membros da Executiva Nacional da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), que revela uma estratégia a ser tomada pelo movimento sindical como um todo: caso as perdas sejam muitas, entidades e centrais sindicais não vão apoiar a assinatura da nova Constituição.

De acordo com Sérgio Barroso, as questões trabalhistas serão discutidas mais amplamente pela CGT nos próximos dias 12 e 13, na reunião da Executiva Nacional e no dia 30, na plenária nacional, ambas em São Paulo. Na plenária será elaborado o Plano de Lutas da Entidade para 1988 e como, pelas suas expectativas, a parte de direitos sociais da Constituinte ainda não deverá ter sido votada em plenário, vários itens serão discutidos, assim como a forma de se fazer uma pressão mais efetiva para sua aprovação.

Entre estes itens, certamente estarão em pauta algumas propostas do Centrão, como o sistema de indenização prévia, "que substituiria a estabilidade no emprego. A sugestão é de que esta indenização (um salário por cada ano de trabalho) seja incorporada ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e ao aviso prévio. Outra luta dos trabalhadores será para derrubar a ideia da média mensal de 44 horas semanais de trabalho, ao invés da jornada semanal fixa e de "desobrigação" do empregador quanto à licença-gestante, que passaria para a Previdência Social.

O QUE OS POLÍTICOS TRAZEM PARA O NOVO ANO

TAISA FERREIRA
Da Editoria de Política

A glória melancólica e passageira do relator

Bernardo Cabral, a ascensão e queda da estrela Mário Covas, que chegou a ser uma das mais brilhantes da Constituinte em 87. A coerência de Fernando Henrique Cardoso e a oscilação do senador José Richa. Os tropeços de Marco Maciel e a gritaria de José Lourenço. O desprestígio de Carlos Sant'Anna, a revelação de José Genoíno e o sucesso do Centrão. 87 foi um ano de novos destaques, grandes derrotas e vitórias. Acima de tudo, reinando absoluto mas também sujeito a bons e más ventos, o todo-poderoso Ulysses Guimarães. O ano dos principais políticos da Constituinte.



Ulysses Guimarães



Marco Maciel



Carlos Sant'Anna

ULYSSES GUIMARÃES

Vaias e atraso na Carta

Não faltaram tempestades para abalar a fortaleza do tripresidente Ulysses Guimarães, que, pela primeira vez na vida, diante de uma plateia popular, amargou vaias e ofensas como resultado do apoio ao governo Sarney. Isso apesar da guerra fria que ele manteve com o Presidente durante todo o ano, na qual, com maestria política inextinguível, ganhou quase todas as batalhas, revertendo, a favor do PMDB, os bombardeios lançados pelo Planalto. O atraso na Constituinte foi a grande derrota de Ulysses, que também termina o ano vendo por um fio a unidade do PMDB, sua obsessão.

A primeira briga de Ulysses surgiu do acúmulo de cargos — presidente da Câmara, Constituinte e do PMDB e, eventualmente, presidente da República. Tanto poder concentrado não agradau uma gorda fatia do partido e, depois de vencer a disputa interna com o deputado Fernando Lyra para a presidência da Câmara, Ulysses parecia derrotado com a eleição de Mário Covas para a liderança do PMDB na Constituinte.

Covas derrotou o candidato de Ulysses — Luiz Henrique — lançando farpas ao presidente do partido e colocando o dedo na ferida da indenização e muitas vezes incoerência política do PMDB ao apoiar o governo. Virou o inimigo número um de Ulysses e foi a primeira ameaça de rompimento interno.

O apoio ao governo Sarney arranhou a imagem do maior nome da oposição. A posição de Ulysses sempre

foi delicada, entre as teses históricas do partido, o gosto pelo poder e a preocupação em garantir a transição. O ex-senador diretas ficou contra o povo e ao lado de Sarney pelos cinco anos de mandato, por temer pelos rumos do País com eleição em 88. Pagou caro. Ao receber emendas populares, foi arrastado com gritos de "traidor" e "puxa-saco do Sarney" por mais de mil manifestantes.

Difíceis ainda foram os embates com o Planalto. Sarney sempre sonhou em cortar laços que o amarravam ao PMDB. Inventou até um líder para dividir o partido, e não se acanhou em usar a caneta para colocar de fora seus opositores no PMDB. Mas em cada queda de braços direta de Sarney com Ulysses Guimarães, o presidente do PMDB se revigorava.

Foi o que aconteceu em quatro momentos importantes. Na saída de Funaro do Ministério da Fazenda, Sarney quis mostrar independência de ação e acabou desmoralizado ao se dobrar diante do veto de Ulysses ao nome do governador do Ceará, Tasso Jereissati. Na convenção nacional do PMDB, em julho, Sarney rompeu acordo com o presidente do partido de adiar a decisão sobre mandato e sistema de governo e comandou, à distância, o voto pelos cinco anos.

Mais à frente, a crise aberta pelo PFL e a reforma ministerial de outubro, geridas para desestruturar o PMDB, deram em novas vitórias de Ulysses. Ele perdeu o amigo e ministro Raphael de Almeida Magalhães, mas esvaziou o balão da reforma administrativa

e emplacou dois outros amigos no ministério — o deputado Luiz Henrique e o ministro Renato Archer, que foi transferido para a poderosa Previdência Social.

Outra vitória de Ulysses Guimarães sobre Sarney foi no episódio do documento de apoio ao governo, a última invenção do Palácio para minguar os partidos e conseguir um bloco de sustentação suprapartidário com assinaturas individuais de apoio. Ulysses cozinhou o documento em fogo brando, articulou os governadores e saiu por cima, com nota evasiva de apoio.

Mas o ano termina sem brilho para Ulysses Guimarães, que, diante do rolo compressor do Centrão e de radicais da direita, fracassou na tentativa de acelerar os trabalhos da Constituinte. A crise interna no PMDB também se acirrou com o Centrão e desta vez o presidente do partido não conseguiu conter a movimentação pelo rompimento, agora impulsionada pelos setores "históricos" do PMDB. Mas como o segredo de Ulysses nos 17 anos que está à frente do partido sempre foi navegar de acordo com a maré, ele também fechou 87 com um discurso novo. Ficou de fora da indicação do novo ministro da Fazenda, depois da queda de Bresser, e acena, ainda sutilmente, com o afastamento do governo. Mas dificilmente conseguirá emplacar sua candidatura à Presidência da República, que ficou ainda mais afastada depois da angioplastia a que teve de se submeter no final do ano.

MARCO MACIEL

Impossível um ano pior

Decididamente este não foi um bom ano para o senador Marco Maciel. Obrigado a arquivar o sonho de ser superministro do governo Sarney, o presidente

do PFL inventou de tudo para se manter na crista dos acontecimentos, quis dar uma grande cartada com um golpe mortal na já falecida Aliança Democrática e, como bruxo aprendiz, acabou vítima da própria feitiçaria — só fez fortalecer o PMDB, e ter seu prestígio arranhado no PFL. Ganhou também um dos títulos badalados do ano: "Estadista do Funrural".

O ano já começou azedo para Maciel, o grande derrotado nas eleições pernambucanas de 86, onde Miguel Arraes venceu a candidatura fefelista José Múcio. Logo, a expectativa de recuperar seu prestígio político como ministro todo-poderoso no Gabinete Civil, a por água abaixo. Os planos do senador esbarrraram em desentendimentos com o genro e secretário particular de Sarney, Jorge Murad, na perda de atribui-

ções na área jurídica para o consultor geral da República, Saulo Ramos, e na falta de ajuste com outros ministros.

O relacionamento com o PMDB também não era fácil e Maciel encontrava dificuldades para articular o próprio PFL. Em abril estava de malas prontas para reassumir seu posto, no 26º andar do Congresso, na presidência do PFL. Os planos também eram altos — fazer do PFL um grande partido e articular um pacto político capaz de envolver todas as legendas. O pacto rendeu muitas reuniões e muita notícia nos jornais. Mais nada.

As bases do PFL comemavam a entrar em atrição com a cúpula partidária, que não aceitava a pressão para romper com o PMDB e o governo. Mas bastou a indicação do peemedebista de Pernambuco Carlos Wilson para a Sudepe, para, num estalo, Marco Maciel anunciar o rompimento formal da Aliança Democrática e abrir a crise PFL-PMDB-Governo. O objetivo era colocar o

Governo em xeque-mate e enfraquecer o PMDB, mas a crise inventada pelo PFL teve um efeito bumerangue. A reforma ministerial de outubro só fez mostrar, mais uma vez a força do multipresidente Ulysses Guimarães, do PMDB. O PFL, com espaço agora mais reduzido no Governo, depois da novela rompedora acabou ficando exatamente na mesma posição, com o gostinho, apenas, de ver fora do Governo o então ministro da previdência social Raphael de Almeida Magalhães, que se transformou no alvo número um do partido ao descarregar chumbo grosso no PFL e especialmente em Maciel — acusado de fisiologista como "Estadista do Funrural".

Com a liderança em baixa no PFL, Marco Maciel também foi bombardeado pelo Centrão, quando se retirou do plenário para não votar com o grupo. Foi acusado de querer pouso de negociador ao tentar articular — em vão — acordo com o grupo do senador José Richa.

MÁRIO COVAS

Uma derrota marcante

O líder do PMDB na Constituinte passou por 87 como uma estrela cadente. Azarão na disputa pela liderança do PMDB, ele derrotou e assustou o todo-poderoso Ulysses Guimarães. Brilhou como grande destaque do PMDB e o presidencialista mais badalado da Constituinte, mas acabou como o maior derrotado do ano, com a reviravolta do Centrão.

Em marco, com um discurso duro contra o acúmulo de cargos de Ulysses Guimarães e a presença duvida do PMDB no governo, o senador Mário Covas catalisou as insatisfações no partido e venceu por 36 votos o deputado Luiz Henrique, candidato de Ulysses.

Depois de fazer os relatos da Comissão de Sistematização — todos da linha esquerdista — ele bateu Ulysses Guimarães novamente ao conseguir por 50 votos de diferença a convocação de uma convenção nacional para o partido de deliberar sobre mandato e sistema de governo. A convenção de julho, no entanto, marcaria uma reaproximação Cova-Ulysses, diante do inimigo comum — o governo, na figura de Carlos Sant'Anna. O líder do governo queria cinco anos de mandato para Sarney, Covas queria quatro e Ulysses queria adiar a decisão para evitar o racha no partido.

Cortejado pelo MUP para deixar o PMDB e disputar a Presidência da República por um novo partido, de cunho progressista, Covas nunca abriu o jogo co-



Mário Covas

mo presidencialista. Mas esteve em alta até setembro quando foi parar no Incor. AS cirurgias cardíacas o deixaram afastado por dois meses e jogaram um véu de dúvida sobre sua candidatura.

Mesmo assim, ele voltou a tempo de festejar duas vitórias apertadas na Sistematização — o parlamentarismo e os quatro anos de mandato. Mas o Centrão já articulava forças conservadoras da Constituinte e, na primeira derrota em plenário, a liderança de Covas já estava chamuscada. Em novo embate, os números eram amargos: 125 constituintes do PMDB não seguiram a orientação do líder. Mais alguns dias e a derrota definitiva por 71 votos na questão da presença automática para emendas com maioria absoluta de assinaturas, deixou Covas arrasado. Ele chegou a ser apontado como uma tragédia e um zero à esquerda como articulador.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Um mesmo discurso

O líder do PMDB no Senado começou e fechou 87 com o mesmo discurso: a falta de sintonia do PMDB com as ruínas e a necessidade de rever os rumos da legenda. Na Constituinte,

apesar de ter perdido o cargo de relator para Bernardo Cabral, teve um trabalho de peso como relator-adjunto. Funcionou como bomboeiro em várias ocasiões, na tentativa de evitar radicalizações e maiores atrasos na elaboração da Constituição.

Satisfeito com os avanços progressistas da Sis-

tematização e a vitória do parlamentarismo e dos quatro anos para Sarney, Fernando Henrique Cardoso, mesmo sem ter problemas com sua liderança no partido, também saiu der-

rotado com a reviravolta do Centrão. Foi o empurrão que falta já para o líder se empenhar, de cabeça, no rearranjo interno do PMDB, que, a seu ver, precisa se livrar dos conservadores que se abrigam no Centrão. O líder vai abrir 88 como uma das estrelas da articulação dos "históricos" do PMDB.



Bernardo Cabral



Roberto Cardoso Alves

ROBERTO CARDOSO ALVES

Fama com o Centrão

Diretista assumido, dono de um vozeirão infundível, "Roberto" — como é conhecido na Constituinte — tem todos os motivos para entrar o ano novo bem disposto e cheio de energia. Ele foi um dos maiores destaques de 87, ao defender teses conservadoras e marcar vitórias como uma das principais lideranças do Centrão. Sem meias palavras, ele prometeu chumbo grosso contra os "absurdos" aprovados na Sistematização.

JOSE GENOINO

De ex-guerrilheiro do Araguaia, o vice-líder do PT, deputado José Genoíno, se destacou como um dos melhores guerrilheiros regimentais do ano.

Desde o começo da Constituinte, ele circulou por todas as subcomissões e comissões temáticas, na defesa das teses de esquerda.

JOSE RICA

O senador José Richa, ligado ao ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, chegou a ser convidado por Sarney para assumir a chefia do Gabinete Civil, quando Marco Maciel deixou o Ministério. Cinco meses depois, discursava na Sistematização sobre mandato e sistema de governo: "Se o Presidente não quer um acordo mudamos o Presidente".

Se destacou também ao liderar o grupo dos 32, o pai do projeto Hércules, um esforço para desemperrar os trabalhos da Constituinte.

BERNARDO CABRAL

Reclamações gerais

Se houve um político que conseguiu consenso entre todas as correntes ideológicas na Constituinte e no Palácio do Planalto em 87 foi o deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM). Ninguém gostou do trabalho do relator da toda-poderosa Comissão de Sistematização e ele teve um reinado rápido e melancólico.

O ex-presidente da OAB parecia ter um ano brilhante à sua frente, depois de derrotar o líder do PMDB Fernando Henrique Cardoso e o ex-líder Pimenta da Veiga na eleição do relator da Sistematização. Mas a cada projeto que apresentava, pipocavam berros da direita e da esquerda. O Planalto também engrossou o rosário de críticas, e alertou: com o projeto Cabral o País seria ingovernável.

Nem o próprio Cabral gostou do primeiro projeto, mas argumentou que o regimento não permitia alterações no material proveniente das comissões temáticas.

A indicação no último substitutivo de eleição indireta para Presidente da República num 2º turno da votação indignou o próprio PMDB. Cabral também se indignou com os militares na questão da anistia e acabou voltando atrás e costurando um acordo que, se apoiou os militares, reforçou mais ainda sua imagem na Constituinte, de relator susceptível a pressões.

Para fechar 87, a vaidade de Cabral sofreu mais um duro golpe: a denúncia de que seu diploma da Sorbonne é falso.